

Cad.Est.Ling., Campinas, 48(1):85-104, 2006

## A MOVIMENTAÇÃO TÓPICA NUMA VISÃO PRAGMÁTICO-DISCURSIVA

LEONOR LOPES FÁVERO (PUC-SP/USP)  
MARIA LÚCIA DA CUNHA VICTÓRIO DE OLIVEIRA ANDRADE (USP)  
ZILDA GASPAR OLIVEIRA DE AQUINO (USP)

**ABSTRACT** *This paper retakes previous works on the topic and its development (Aquino, 1991; Fávero, 1993), the relevance of questions and answers in the discursive organization (Fávero, Andrade and Aquino, 1996; Fávero and Andrade, 1998; Fávero and Aquino, 1998, Fávero, 2001), in corpus constituted by spontaneous conversations, materials of project NURC, and printed or TV interviews. The objective is to examine the textual-interactive organization starting from three fundamental points: the discursive topic and its organization in the dialogical pair P-R, the topical movement in specific questions and the use of the digression as discursive strategy in the topical movement.*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo retoma trabalhos anteriores sobre o tópico e seu desenvolvimento (Aquino, 1991; Fávero, 1993;), a relevância das perguntas e respostas na organização discursiva (Fávero, Andrade e Aquino, 1996; Fávero e Andrade, 1998; Fávero e Aquino, 1998, Fávero, 2001), em *corpus* constituído por conversações espontâneas, materiais do projeto NURC, entrevistas de televisão ou publicadas em revistas.

O trabalho está organizado em três partes. Na primeira parte, examina-se o tópico discursivo e sua organização no par dialógico P-R. Na segunda, estuda-se a movimentação tópica em perguntas específicas e, na terceira, analisa-se o uso da digressão como estratégia discursiva na movimentação tópica

### 1. O PAR DIALÓGICO (PERGUNTA-RESPOSTA) E A MOVIMENTAÇÃO TÓPICA

A noção de tópico é de fundamental importância para a organização conversacional e é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc. Ele é, assim, uma atividade construída cooperativamente, isto é, deve haver uma correspondência de objetivos, pelo menos parcial, entre os interlocutores.

A necessidade de se examinar o par dialógico pergunta-resposta (P-R), deve-se ao fato de ser ele elemento crucial na interação humana e, como já afirmou Stenström, (1984:262), é difícil imaginar-se uma conversação sem ele.

A pergunta não pode ser analisada fora de seu contexto de ocorrência e, se não houver marcas formais, só ele permitirá inferir tratar-se de uma pergunta; além disso, “la question se définit en discours par le couple qu’elle forme avec sa réponse”. (Gaulmyn, 1991:321)

A uma pergunta não deve seguir-se necessariamente uma resposta, podendo ocorrer outra pergunta, quer dizer, não há uma determinação lógica na organização do par, o que não significa que as perguntas e respostas funcionem aleatoriamente, mas elas correspondem a estratégias usadas pelos interlocutores na interação, estratégias essas que parecem decorrer de um sistema de conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, contextualização negociação tópica, etc.

Vejamos dois exemplos:

(1)

- L1 como se sente dona M?
- L2 bem doutor
- L1 quando deixou de usar a muleta?
- L2 há quatro dias

(Conversação espontânea 1)

(2)

- L1 você não vai levar guarda-chuva?
- L2 você acha que precisa?
- L1 acho
- L2 então vou pegar

(Conversação espontânea 2)

Em (1), às perguntas do médico iniciadas pelos marcadores interrogativos *como* e *quando*, a paciente responde com termos diretamente correlacionados com a circunstância indicada pelo marcador. Já em (2), a pergunta de L1 é seguida de uma outra pergunta, adiando a resposta ao par inicial.

É indiscutível a importância que o tópico assume na organização do texto e as perguntas e respostas estão a ele relacionadas, podendo introduzi-lo, mantê-lo, redirecioná-lo, mudá-lo, como veremos a seguir.

### **Introdução de tópico**

Ao iniciarem a interlocução, é comum que os participantes da atividade discursiva o façam utilizando-se de uma pergunta:

(3)

Doc. Dona I. a senhora costuma ir ao ciNE::ma teA::tro o que que a senhora mais gosta que tipo de filme...

Inf. ...eu quase não vou ao cinema teatro...às vezes eu vou...mais a teatro ...do que a cinema...filme eu gosto mais de comédia...não gosto muito de filme...muito TRISTe não é comigo não ((risos)) ...eu tenho ido a teatro...tem um grupinho que nós..éh::um grupo assim: da minha idade que vai sempre ao teatro ((risos)) são é uma assistente social MAS ela é formidável sabe?

(NURC-SP, DID- 234, 1-10, p.104)

A documentadora inicia com três perguntas encadeadas e, por tratar-se de uma entrevista, ela mantém o controle dos tópicos, mas a entrevistada tem a possibilidade de manter o turno por mais tempo.

Vejam os dois exemplos, agora de textos escritos:

(4)

*Cláudia* - O ano 2000 está impregnado de misticismo. O senhor acredita que esse reveillon será especial – um marco na vida das pessoas?

Paulo - Eu não acho. Será, sim, um ritual de passagem, como o de todos os anos anteriores.

(*Cláudia* entrevista Paulo Coelho, novembro de 1999, p.51)

No exemplo (5), a documentadora entrevista Niède Guidon, diretora da Fundação do Homem Americano, que administra o Parque Nacional da Serra da Capivara:

(5)

*Nossa História* - Quando a senhora travou contato com as pinturas rupestres da Serra da Capivara?

Niède- A primeira vez que eu vi fotografia delas foi em 1963, antes de sair do Brasil, e aproveitei uma viagem em 1970 para conhecer pessoalmente. Constatei que era algo totalmente deferente do que se conhecia.

(Revista *Nossa História*, agosto 2005:42)

Nos dois segmentos, os entrevistados respondem diretamente ao tópico iniciado pelo entrevistador; como se pode observar, também no texto escrito é comum que o entrevistador se utilize de uma pergunta ao iniciar a entrevista; além disso, essa ocorrência pode ser localizada quando se introduzem novos tópicos.

### Continuidade do tópico

As perguntas e respostas são, ainda, utilizadas pelos interlocutores para dar continuidade ao tópico. No exemplo (6) em que se desenvolvia o *tópico formação escolar da interlocutora*, a questão proposta pela documentadora dá seqüência a esse tópico.

(6)

Doc. Certo agora...depois desse curso...a senhora continuou a estudar::certo?e tem teve uma formação universitária...gostaria de...que a senhora falasse ...os cursos que a senhora fez até então...

Inf. Terminei todo curso secundário...no Mackenzie...fiz um curso normal:: do próprio Instituto Mackenzie...

(NURC-SP, DID 242:16-21, p. 148)

Os exemplos (7) e (8) são de entrevistas escritas.

(7)

*Cláudia* - O que considera uma “porrada da vida”?

Paulo - Por exemplo, acabei de ler uma entrevista que dei para um jornal da Austrália. O cara veio até aqui me entrevistar e, em vez de falar só sobre mim, metade do artigo que escreveu escolheu o Brasil. Eu já tô irritado com isso, entendeu? O cara só tá a fim de ver o que há de ruim no meu país. Isso para mim é uma porrada. E me dá uma irritação total. Eu defendo o Brasil com unhas e dentes.

(*Cláudia* entrevista – Paulo Coelho, novembro de 1999:53)

A pergunta de L1 *o que considera uma “porrada da vida”?* continua o tópico que os interlocutores vêm desenvolvendo sobre se L2 se sentiu fracassado em algum momento e este responde:

*Porrada você vai levar sempre* retomada pelo entrevistador para dar continuidade ao tópico.

No exemplo, (8) a entrevistada responde à primeira pergunta da entrevistadora sobre as pinturas da Serra da Capivara e esta, dando continuidade ao tópico, lhe faz a segunda :

(8)

*Nossa História* - Quando elas foram feitas?

Niède- Nas pinturas e artefatos nós temos datações por carbono 14 de 17 mil e de 23 mil anos. Ainda não publicamos uma datação de 35 mil anos feita pelo professor Watanabe, da USP, pois ele ainda está testando com outros físicos .

(Revista *Nossa História*, agosto 2005, p. 42)

Como já vimos em Fávero (2000)<sup>1</sup>, a entrevista constitui um tipo especial de texto falado porque o planejamento existe da parte do entrevistador e pode existir também, em certos casos, da parte do entrevistado, diminuindo ou mesmo anulando marcas da oralidade. No momento da edição, a entrevista pode manter-se oral (rádio, televisão) ou passar para a escrita (jornais, revistas). As escritas perdem muito das características da língua falada: sendo o texto reescrito, desaparecem repetições, correções, paráfrases, hesitações e outras marcas do texto oral

A entrevista de Paulo Coelho à revista *Cláudia* guarda traços de oralidade e uma certa espontaneidade aflora, em detrimento do planejamento. Embora faltem dados conclusivos e o *corpus* seja restrito, parece ser possível afirmar que o editor teria levado em conta as características do entrevistado ou o público a quem a revista se destina, pois, como aponta Kerbrat-Orecchioni (1990:98) “todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aqueles que o são indiretamente, desempenham um papel importante no desenvolvimento da interação”.

### Redirecionamento do tópico

Graças à propriedade de recursividade, o tópico pode agir prospectiva e retrospectivamente; ao perceber que houve um desvio, o interlocutor pode redirecioná-lo por meio de uma pergunta, reintroduzindo o tópico original. No exemplo (9), a seguir, o interlocutor redireciona-o por meio de uma pergunta:

(9)

*Veja* – Voltando ao assunto “vício”, alguma vez o senhor experimentou drogas?

Rossi – Jamais

(*Veja* - entrevista de Reginaldo Rossi, p. 15, 13/10/1999)

O mesmo ocorre no exemplo (10), em que os falantes vêm desenvolvendo o tópico *Compras* e L1, ao perceber um desvio do tópico, o redireciona por meio de uma pergunta:

(10)

L2 mas o que você ia falar de compra?

---

<sup>1</sup> Fávero, Leonor Lopes.(2000). A entrevista na fala e na escrita. In: Preti, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, p. 79-97.

- L1 gozado nós não costumamos fazer muita compra  
não...não sou do tipo de...  
L2 eu até que compro bastante coisa eu acho  
(NURC-SP, D2 343: 635- 638, p.33)

### Mudança de tópico

A mudança de tópico pode dar-se por problemas de contexto – referentes não compreendidos, referentes que provocam associações – por esgotamento do assunto ou por não se querer falar mais sobre o tópico em desenvolvimento e uma pergunta pode provocar a mudança do tópico em andamento.

Observem-se os exemplos:

Na entrevista com Reginaldo Rossi à revista *Veja*, os tópicos que estão sendo desenvolvidos são *Políticos* e *Pena de morte*, quando o entrevistador muda e pergunta:

(11)

*Veja* – Em seus shows, há canções em inglês e francês. O senhor fala esses idiomas?

Rossi – Quando eu era garoto e tocava violão, resolvi dar aula do instrumento para ganhar uns trocados. Uma das minhas alunas era americana. Então, fazíamos uma troca: eu ensinava violão e ela me ensinava inglês. De noite, quando ia para a zona do meretrício, que no Recife fica perto do cais do porto, aproveitava para praticar com os marinheiros estrangeiros. Cheguei a dominar bem o inglês durante uma época. Hoje estou meio esquecido, porque não tenho com quem treinar.

(*Veja*: entrevista de Reginaldo Rossi, 13/10/1999)

No inquérito 234 do Projeto NURC-SP, os interlocutores vêm falando sobre teatro, balê e o Documentador, mudando o tópico, pergunta:

(12)

Doc. - escuta, Dona I, passando assim mais agora para o campo de filme...eu queria saber qual o tipo de:: o que mais chama atenção da senhora no que diz respeito ao cinema? não é? eu sei que a senhora já:: a senhora disse que não gosta de drama, gosta de comédia

Inf. – comédia

(NURC-SP, DID 234, 298-303, p. 111)

As análises realizadas permitem confirmar que o par dialógico P – R se configura como elemento imprescindível na organização do texto conversacional e revelaram, também, que não há grandes diferenças do papel do par na movimentação tópica, quer se trate de entrevista escrita, quer se trate de texto falado, pois em todos os exemplos apresentados tivemos movimentação tópica.

## 2. A MOVIMENTAÇÃO TÓPICA EM PERGUNTAS ESPECÍFICAS

No item 1, salientamos o papel significativo do par P-R no desenvolvimento do tópico. A observação do discurso e do movimento tópico a partir da seqüenciação, da organização dos enunciados tem permitido destacar o papel específico de algumas Ps em relação às ocorrências das Rs. Dentre elas, reportando-nos aos estudos de Hoey (2004), apresentamos Ps específicas, para podermos ampliar o quadro que viemos delineando.

Não se pode negar a questão da complexidade com que nos deparamos ao tratarmos da interação no que concerne ao desenvolvimento do tópico. Nossos trabalhos vêm apresentando a preocupação em aprofundar as relações entre interação e a organização discursiva. Em artigo de 1990<sup>2</sup>, já observávamos a co-construção dos enunciados, a preocupação do locutor em explicitar, por exemplo, algum referente que pressupunha ser desconhecido do interlocutor, a preocupação em assegurar o conhecimento do tópico para que este pudesse desenvolver-se, como se verificou pelas análises, por exemplo, do inquérito 360, coletado pelo Projeto NURC/SP, amplamente analisado pelo Grupo que descreveu a Organização textual-interativa no Projeto da Gramática do Português Falado no Brasil<sup>3</sup>.

Constatamos haver um padrão de organização sequencial dos turnos na interação e um de seus recursos se configura a partir da noção que cada participante tem de seu papel na interação. A análise da ocorrência dos pares na conversação permite compreender melhor a organização conversacional, ao mesmo tempo em que se observa o andamento da interação entre os participantes.

Entendemos que a descrição dos contextos interacionais não se esgota nos segmentos selecionados, antes representa uma possibilidade entre outras de compreensão do complexo universo que se apresenta quando se almeja estudar essa atividade.

## 2.1 Uma tipologia possível

É sabido que podemos nos deparar com a ocorrência de Ps diversificadas nos diferentes contextos analisados. É possível, em acréscimo ao já estudado<sup>4</sup>, que a P de um locutor apresente-se, por exemplo, seguida de formulações desse mesmo locutor que se configuram por Sequências (Ss), ou antecedida por justificativas do locutor, às quais denominamos Segmentos Antecessores (SAs).

Não se trata de detectar, em casos de Ps seguidas de Rs do próprio locutor, apenas questões retóricas. Uma P retórica (a) apresenta como característica básica o fato de a uma P verificar-se a continuidade do discurso do mesmo locutor, que não espera pela R do interlocutor, em razão da própria organização discursiva pela qual opta e que não apresenta sinais de passagem de turno. A P, em casos como esse, é usada apenas como recurso para manter o turno ou para estabelecer contato, apresentando, pois, função fática, como se observa em:

(13)

L1 terminou o negócio.... tá entendendo por quê? porque a época... como eu tava dizendo no início... ela reflete o clima atual.... é uma situação então tá ali

L2 uma época...um modelo...

L1 tá resolvido o problema

(NURC- POA, D2-291:728-732, p.38)

---

<sup>2</sup> ANDRADE, M. L. V. O e Aquino, Z. G. O Aspectos interacionais determinantes da estrutura da conversação. *Estudos Linguísticos*, GEL-SP, Bauru, 1990, p.202-209.

<sup>3</sup> JUBRAN, C.C.A.S.; URBANO, H. et alii. *Organização Tópica da Conversação*. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português Falado: Níveis de análise linguística*. São Paulo/ Campinas, Ed. UNICAMP, 1992. v.2. p.358-403.

<sup>4</sup> FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M.L.C.V.O; AQUINO, Z.G.O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas, S.P.:Ed. da UNICAMP; São Paulo: FAPESP. 1996.V.4 – Estudos descritivos. p. 473-508.

### 2.1.1 As Ps específicas e suas Ss

Hoey (2004) tem-se dedicado às seqüências elaboradas pelos locutores que formularam as Ps. Indica serem passíveis de ocorrer Avaliações positivas ou Rejeições, no que diz respeito às Ps, em Seqüências constituintes do turno do mesmo locutor. O autor observou, mais especificamente, ocorrências no discurso escrito, mas não deixou de indicar o que verificou na oralidade. Tratamos de localizar ocorrências dessa ordem em nossa língua materna, para descrevermos o comportamento de tais enunciados, especificamente no que diz respeito ao desenvolvimento do tópico discursivo. Eis o que se apresenta.

No *corpus* que ora examinamos, o que se verifica é um agrupamento que se constitui de uma P, utilizada estrategicamente e não somente com função fática, e de Seqüências (Ss) localizáveis no mesmo turno (13) as quais explicitam a P, levando o interlocutor a entender o tópico que se desenvolve, sem passar-lhe o turno, se for o caso.

Vejamos o segmento (14) em que um professor de Química, durante sua aula, organiza seu discurso por meio de Ps às quais se seguem várias Ss:

(14)

Inf.(...) a solução fica saturada e começa a precipitar sal de cozinha... por quê? você alcançou o produto de solubilidade do sal de cozinha em água... então está feita a correlação que você me perguntou na última aula... entre solubilidade e a parte da cinética... é tudo a mesma coisa... vai ser triste... triste entre aspas... é ótimo... na hora em que a gente perceber que todas as coisas (...) são uma só..... ta? ... não existe nenhuma diferença em nenhum fenômeno...ta? ( ) sempre existe uma força motriz... sempre existe uma resistência a essa força... e... aí... aparece um fluxo... isso é geral... geral.... veja ...

(NURC-RJ,EF:251:348-361, p.22-23)

O turno do professor é longo e a P funciona para a introdução do subtópico *solubilidade*, tópico de *Cinética Química*. As Ss são esclarecedoras, não de uma P do interlocutor, mas do próprio professor que estrategicamente conduz a interação, chamando a atenção para um item específico (solubilidade).

Ocorre que as Seqüências localizáveis podem-se apresentar estruturadas de modo diversificado. A estrutura dessas Ps e de suas Ss podem ser localizadas por sua contração. Identificamos duas delas, as quais denominamos *P de solicitação* e *P de reclamação* e passaremos a analisá-las para compreendermos sua organização.

#### a) As Ps de solicitação

As Ps de solicitação podem ser localizadas em contextos diversificados e se organizam de modo específico de acordo com o grau de conhecimento entre os interlocutores e, de acordo com o grau de polidez, entre outros. Podem ser identificadas nos turnos em que somente elas se apresentem e formuladas de tal maneira que a modalização se faça presente. No segmento (15), a solicitação de um objeto faz-se pela utilização de uma P em que o verbo (poder) apresenta-se flexionado no futuro do pretérito do indicativo (poderia), o que é significativo em termos de polidez:

(15)

você poderia me emprestar um guarda-chuva?

(Conversação espontânea 3)

Ocorrem, também, em turnos nos quais se localizam Ss elucidativas da solicitação. Desse modo, as Ss podem desempenhar o papel de justificativa, de apresentação das causas da solicitação, como em:

- (16)  
você poderia me emprestar um guarda-chuva? é que esqueci o meu na casa do Artur.  
(Conversação espontânea 4)

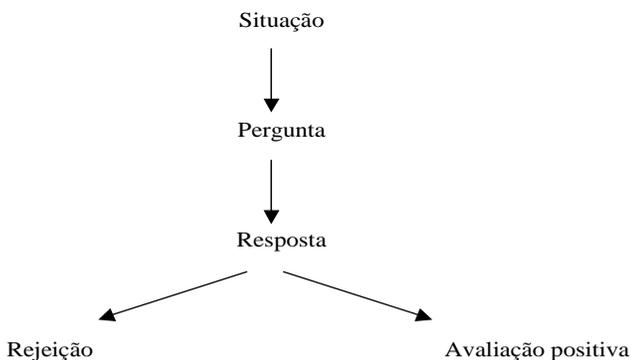
Ao nos reportarmos às Rs dos interlocutores, podemos observar pelo menos três possibilidades de resultados, todas relacionadas ao desenvolvimento do tópico, e que se constituem nas Rs: aceitação incondicional (muitas vezes acompanhada de justificativa) segmento (17); aceitação condicional (18); negação/rejeição ou avaliação negativa da solicitação (19), em que ocorrem Ss que podem apresentar as razões para a negação e, ainda, correção da postura do interlocutor (solicitante). Seguem-se exemplos elucidativos de *conversações espontâneas*:

- (17)  
sem dúvida... tenho mais de um... aqui está....
- (18)  
empresto se me garantir que não vai esquecê-lo na escola
- (19)  
infelizmente só tenho um e vou precisar dele já... já

A depender do grau de conhecimento entre os interlocutores, da relação hierárquica entre eles (mãe x filho; amigo x amigo etc), a interação pode ser observada em formulações tais que a polidez não se explicita na S, como ocorre em:

- (20)  
nem por sonho... tudo o que você pega emprestado não volta mais

Reproduzimos, a seguir, o quadro sugerido por Hoey (2004: 175), elucidativo do que acabamos de indicar.



## b) As Ps de reclamação

Além das Ps em que se localizam pedidos de informação, de esclarecimento, de solicitação de algum objeto ou de algum favor, é possível observarmos elementos lingüísticos que encaminhem o tópico e que sejam indicativos de reclamação de ação. Em casos como esses, o interlocutor pode detectar plenamente o que mais interessava para o locutor e formular Rs apenas relacionadas à última informação

O segmento (21) apresenta Ps a que denominados Ps de reclamação, em que se desenvolve um tópico organizado de tal modo que se localize algum tipo de cobrança por parte do locutor, seguida de avaliações do interlocutor (L2) e do locutor (L1).

(21)

L1 -Por que você não trouxe o trabalho? você sabe que eu não poderei usar o mesmo critério para correção aplicado aos que entregarem na data... sairá prejudicado... como sempre?

L2 –não faz mal....tudo bem professora...

L1- tudo bem? tudo mal... não?

(Conversação espontânea 5)

Ocorre, também, localizarmos uma P e Segmentos Antecessores (SAs), como verificaremos a seguir.

### 2.1.2 As Ps e os SAs

Não podemos deixar de nos referir aos enunciados nos quais se localizam considerações iniciais antecessoras às Ps, os quais denominamos SAs (Segmentos Antecessores). Funcionam de maneira específica e significativa, pois, de todo modo, encaminham as Rs, seja em formulações do locutor, ou do interlocutor. Os SAs podem ser entendidos, entre outras, como avaliações que justificam e/ou encaminham, de modo estratégico, a P. No segmento (22), localizamos uma P de pedido de informação (Como proceder?) antecedida de segmentos de avaliação em que o locutor refere-se ao *sistema de cadastramento em processos a serem encaminhados ao TST* – tópico que se apresenta em discussão, em andamento. Observemos a ocorrência a seguir:

(22)

P - Ao distribuir o processo, não temos como cadastrar a situação do registro do advogado que assina a petição (item 3.2 do Provimento). Na maior parte dos casos, a informação estará na Internet, no site da OAB, mas é inviável fazer essa pesquisa durante a distribuição, até mesmo porque a lista não é atualizada diariamente. Como proceder?

R- Os Tribunais Regionais do Trabalho precisam manter em seus bancos de dados (histórico do processo) os registros dos advogados que tenham atuado nos autos. Presume-se que o advogado que subscreveu a petição está em situação regular. O registro de eventual impedimento do advogado deverá ser informado pela parte ou pela Ordem dos Advogados do Brasil.

(disponível em [http://www.tst.gov.br/juridico/au/perguntas\\_frequentes.html](http://www.tst.gov.br/juridico/au/perguntas_frequentes.html))

Em outro segmento (23), também relacionado ao preenchimento de documentos a serem encaminhados ao TST (Tribunal Superior do Trabalho), um usuário enviou a seguinte mensagem em que se observam uma avaliação positiva (A idéia da padronização é muito boa), seguida de uma contrajunção (contudo ela deve ter em mente, também, a facilitação para os diversos

interessados) e, depois, uma P que traz implícita uma avaliação negativa, porém modalizada (não seriam desnecessários a pontuação e a barra em “S.A” e “S/C”?). A R atém-se apenas à avaliação positiva, não aceitando a contrajunção, por meio da negação à possível idéia de *dificuldade* quanto à organização do padrão de formulário proposto pelo TST. Ao formular um enunciado dessa ordem, o TST marca seu papel hierárquico, em que não há espaço para discussão, negociação quanto aos interesses dos usuários/interessados:

(23)

P - A idéia da padronização é muito boa, contudo ela deve ter em mente, também, a facilitação para os diversos interessados. Assim, não seriam desnecessários a pontuação e a barra em “S.A” e “S/C”?

R - O padrão definido não acarretará dificuldades aos TRT's.

Outra ocorrência, como em (24), merece ser observada. Durante entrevista concedida ao programa *Opinião Nacional*, transmitido pela TV Cultura, o então prefeito Paulo Salim Maluf (L2) responde de modo específico à formulação do jornalista Heródoto Barbeiro (L1). Este organiza seu turno com S As, após o que inclui a questão que se configura com uma reclamação, ainda que indireta, da inexistência de plano da Prefeitura contra enchentes em São Paulo:

(24)

L1 a gente volta a conversar aqui com o prefeito Paulo Maluf em São Paulo... a gente conversou um pouco sobre as questões nacionais prefeito... e eu queria perguntar pro senhor agora voltando pra aquela questão aqui... aqui de São Paulo... a: questão da... do socorro que é dado às pessoas... às vítimas das enchentes... no Japão a gente vê... eles têm um esquema preparado pra... socorrer no terremoto é claro que ninguém pode prever as catástrofes... na Holanda também o esquema pra... socorrer no caso de enchentes... num tava na hora de São Paulo... tanto a Prefeitura como o Estado terem um plano de emergência melhor formado pra esses casos?... porque se sabe TTodo começo de ano chove e inunda a cidade... não é?

O interlocutor, entretanto, apegase aos exemplos indicados nos S As e não responde diretamente à P formulada pelo entrevistador/jornalista:

L2 olha... eu não quero em absoluto fazer um paralelo... sobre o que aconteceu no Japão... e o que aconteceu na Holanda... porque.. Infelizmente acho que Deus os castigou de uma maneira muito pior... não é?... a Holanda dizia... fizemos diques para nunca termos enchentes... e fizemos os diques há cinquenta anos bem calculados... e o que nós vimos foram... DUZENTas mil pessoas desabrigadas... ou seja... Deus os castigou infelizmente... pior do que nós... agora... eu quero dizer a você que ninguém é mais severo com o funcionalismo público... ninguém é mais (selene)... perfeccionista na execução das coisas... mas eu tenho que cumprimentar... que o funcionalismo público da prefeitura... os homens das regionais... o CET... eles funcionaram ainda como mostrou a própria televisão há pouco... o próprio administração regional de São Miguel Paulista dando... o nosso centro desportivo para (serem abrigados)... ou seja... a nossa defesa civil funcionou... infelizmente houve desabrigados por razões... que... não somos culpados... foram construções clandestinas... em: áreas de risco... algumas delas até... como recentemente aqui no Parque Real... nós obrigamos a desocupação porque podia ter... uma desgraça tipo favela Nova República... nós tamos dando TODA assistência possível e imaginária... Acho que a prefeitura e o seu funcionalismo funcionou de acordo nesta crise porque passamos... que foi a maior chuva dos últimos cinquenta anos...

A R do interlocutor Paulo Maluf desenvolveu-se de modo a que se observasse o papel, a atuação do funcionalismo público de modo positivo (o funcionalismo público da prefeitura... os homens das regionais... o CET... eles funcionaram/ ... a nossa defesa civil funcionou./ não

somos culpados) e não o papel de ação negativa do prefeito, desviando-se, assim, da proposta da P que colocava em jogo a imagem pública do prefeito com a reclamação implícita de que ele não dispunha de plano contra enchentes.

Estamos, assim, diante de Rs que dão uma direção determinada ao tópico, em função de não se querer/poder desenvolver o tópico sugerido (plano contra enchentes), ocorrendo um direcionamento específico que garante a manutenção da imagem do homem público.

As Seqüências e os Segmentos Antecessores, como observamos, proporcionam um encaminhamento específico ao tópico. Não podemos deixar de ressaltar o papel de outros segmentos – as digressões – que merecem abordagem específica.

### 3. O USO ESTRATÉGICO DA DIGRESSÃO NA MOVIMENTAÇÃO TÓPICA.

A digressão pode ser caracterizada como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente nem com o que lhe segue; entretanto, não é acidental e tampouco cria uma ruptura da coerência, na medida em que é fruto de relações de relevância tópica.

A digressão implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo) por outro domínio diferente, que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal. Como lembram Dascal e Katriel (1979, p. 78), “uma digressão pode ser caracterizada por duas mudanças tópicas sucessivas envolvendo os mesmos dois tópicos”.

Na verdade, ela é uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto, manifestando na materialidade lingüística o quadro de relevâncias acionado na situação enunciativa. O deslocamento e conseqüente focalização de um novo ponto no domínio de relevâncias se instaura a partir da percepção de um dos participantes e se efetiva por meio de marcas formais que apontam para algo que estava no *entorno* e que agora é inserido no contexto situacional.

#### 3.1. A digressão no texto oral

Na visão de Hasan (1989), todo texto está encaixado em uma situação específica assim como em uma configuração contextual. Isso equivale a dizer que certos aspectos de um texto oral são determinados pelo aqui-agora daquela interação particular.

A estrutura de um texto oral está relacionada ao contexto de situação, segundo Halliday (1989), de tal forma que as variáveis *campo* (o que realmente ocorre), *teor* (quem participa) e *modo* (a função que a língua desempenha), juntas, estabelecem a configuração contextual, podem ser usadas para fazer certas predições sobre a estrutura do texto, assim como a estrutura, que é desdobrada do próprio texto, pode ser usada como indicador para encontrar a natureza da configuração contextual. Tem-se, assim, uma relação de mão dupla entre a estrutura do texto e a configuração contextual: a estrutura do texto define e confirma a natureza da configuração contextual, enquanto esta última atua como um ponto de referência para decidir que tipo de elementos podem aparecer, quando, onde e com que freqüência.

Para poder processar um texto oral, o locutor ativa sua percepção em relação à situação comunicativa. Esta, por sua vez, é acionada a partir de um conjunto pertinente de instruções para a conduta verbal na referida situação. Verifica-se, assim, que o contexto situacional

determina as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal. Em outras palavras, o contexto situacional é a construção cognitiva (ou quadro) que o locutor faz da situação comunicativa.

A percepção da situação ocupa um lugar especial nesse contexto. O locutor percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação. Assim, pode-se asseverar que o contexto situacional é uma criação individual, conforme já apontou Ibañez (1998), mas, para que esta criação se efetive, os demais contextos (cultural, biográfico individual e conhecimento de mundo) são acionados.

### 3.1.1 Tipos de digressão

Constata-se que os tipos de situação linguística em que as digressões se estabelecem diferem entre si devido às três variáveis, já apontadas anteriormente: campo, teor e modo. A partir dessas três variáveis, pode-se determinar os três tipos de digressão já identificados por Dascal e Katriel (op. cit.), mas carregando a subdivisão da tipologia de um ônus mais relacionado à própria configuração contextual em que tais digressões surgem<sup>5</sup>.

**a. campo: digressão lógico-experiencial** (aquela, anteriormente, denominada digressão baseada no enunciado) estabelece certo propósito de natureza pessoal entre o tópico central e o digressivo.

Na construção de um texto oral em que se instaura uma digressão deste tipo, nota-se que o falante traz para o contexto situacional algo que é próprio do contexto biográfico e/ou do contexto de conhecimento de mundo, ou seja, trata de influenciar a constituição do contexto situacional no outro interactante, em função de suas metas comunicativas, criando uma *digressão lógico-experiencial*, visto que o foco da cena discursiva é direcionado para um propósito de natureza pessoal. Nesse caso, há negociação individual ou negociação de contexto em função do quadro de relevâncias que se estabelece na interação. Veja-se o exemplo a seguir<sup>6</sup>:

(25)

L2 tenho saído sim... assim em termos mas eu acho por  
exemplo:... de sair:... éh:... sabe sair por aí:: descobrir

[

L1 uhn

L2 lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São  
Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo...

L1 eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá  
no ( ) né? lá na Celso Furtado

L2 éh::

L1 passei ali em frente à:: Faculdade de Direito...*então estava*  
lembrando... que ia muito lá quando tinha sete nove onze...  
(*com*) a *titia sabe?*... e:: está muito pior a cidade... está...  
o aspecto dos prédios assim é bem  
mais sujo... tudo acinzentado né?

L2 uhn:: poluição né?

(NURC-SP D2 343: 12-25, p.17)

<sup>5</sup> Neste artigo, seguiu-se a tipologia de digressões proposta por ANDRADE (2001).

<sup>6</sup> Os trechos em que ocorre uma digressão foram destacados em itálico.

A digressão é percebida não só pela mudança de relevância tópica (aspecto da cidade) para relevância marginal (lembranças de L1), mas também pela mudança discursiva temporal: de “passei” (pretérito perfeito narrativo) para “estava lembrando” (pretérito imperfeito narrativo-descritivo). L1 denuncia o esgotamento da digressão fazendo pausas e alongamentos e, finalmente, reintroduzindo o tópico “Opinião sobre a cidade” com o marcador “e::”.

**b. teor: digressão interpessoal** (anteriormente denominada digressão baseada na interação) relaciona-se a fatores de ordem contextual, revelando preocupações sociais entre os interlocutores, subdivide-se em:

i- **digressão interpessoal incidental:** está vinculada a preocupações de ordem social, como a chegada de uma outra pessoa, por exemplo, e à necessidade de seguir-se as regras estabelecidas na comunidade.

O falante pode evidenciar no contexto situacional elementos do contexto cultural, já que se tornam relevantes, motivacionalmente, elementos externos ou regras de conduta da atividade social, estabelecendo uma *digressão interpessoal incidental*, como se pode verificar a seguir.:

(26)

L1 é... olha só... o que é que... o que é que... ahn... quantos *shows* por ano? com essa loucura agora que tão de ( )... (o quê) todo dia cês fazem *show*... ou não?

L2 depende da época do ano... né... Jô? esse ano a gente deve fechar o ano com uma média de cento e sessenta...

[

L3 *toma uma aguinha (aqui do Luís Fernando Guimarães) por que não deram pra nós... né?*

L1 *a água troca... a água troca...*

[

L3 *não... vou tomar a dele mesmo...*

[

L1 *na/não... já não vai... porque todo intervalo a gente troca a água pra um não ficar bebendo a baba do outro... claro... ((risos))*

[

L3 *a::... eu não vi...*

L1 *a gente sempre troca...*

L2 ( ) *a curiosidade desse negócio que tinha aqui dentro... Jô...*

[

L1 *não... varia...*

[

L3 ( ) *you falou que era preto... agora é branco...*

L1 *pois é... toda vez eu tenho que falar... tem vezes que é água... tem vezes que é água de coco... tem vezes que é... refrigerante*

[

L3 *pinga*

L1 *dietético de vários tipos...*

[

L2 *mas cê tava falando do show... esse ano a gente deve fechar com cento e sessenta e cinco... cento e setenta shows por ano...*

(Programa Jô Onze e Meia – Zezé de Camargo e Luciano, p. 17-18)

Nessa entrevista, L2 (o cantor Zezé de Camargo) está desenvolvendo o tópico relativo ao número de *shows* feitos pela dupla, mas L3 (o cantor Luciano) interrompe para oferecer água a seu companheiro. A seguir, passam a desenvolver o tópico relativo ao conteúdo da caneca. L1 (o entrevistador Jô Soares) dá as explicações devidas e L2 volta a desenvolver o tópico sobre os *shows*.

ii- **digressão interpessoal imediata**: diz respeito à imediaticidade da situação enquanto relação entre o falante e a pertinência de algum objeto presente no *entorno*.

O falante pode introduzir uma digressão desse tipo ao fazer uso da relação existente entre ele próprio e a pertinência de algum elemento ou objeto presente no *entorno*. Veja-se o trecho a seguir:

(27)

L1 é coitadinho... porque ele tá tão a perigo... a gente nota que ele tá... cê tá com uma cara de quem tá com o boi na sombra e o irmão com a cara de aflito... ((risos)) não sei porque (que é isso)...

L2 não... mas a última grana que eu tinha eu gastei em alfinete... pra por na minha calça... ( )

L1 [ rapaz... eu não tinha olhado essa calça ainda...

L2 [ e eu fiz um compromisso aqui com a galera... aqui com o pessoal do seu programa... da platéia... de que no final eu vou dá um alfinete pra cada um deles... ( ) ((aplausos))

L1 rapaz... deu pra dar um detalhe... deu... heim?

L2 isso aqui na verdade... é o seguinte... né... porque eu tenho um neném novinho agora... um filho com nove meses... quando nasceu eu

L1 [ com nove meses...

L2 fui compra/ é... comprei logo uma caixa de alfinete... levei pra casa... mulher “pra que isso...” “isso aqui pra amarrar as fraldas...” ela falou “cê tá... há vinte anos atrás rapaz...

L1 [ atrasado

L2 o negócio agora é descartável...

L1 [ é claro...

L2 [ aí eu peguei e fiz...

L1 [ botou na calça...

L2 [ botei na calça aqui...

L1 o:... Arafat... cê já mostrou aqui o... o... ((risos))

(Programa Jô Onze e Meia – Zezé de Camargo e Luciano, p. 19)

Nesse segmento, os interlocutores desenvolvem o tópico relativo aos contratos e *shows* marcados para aquele ano, quando L1 passa a comentar a respeito da fisionomia de L2. Este procura se justificar, fazendo alusão ao motivo de ter colocado tantos alfinetes em sua calça. O elemento que provoca a digressão interpessoal (relação de L1 com a fisionomia de seu

interlocutor na imediaticidade do contexto situacional) é a referência que o entrevistador faz à expressão de afluência de L2.

Para analisar como se processa a interação, neste trecho, foi preciso observar o teor do discurso. Houve uma mudança no domínio de relevância provocada por um elemento de ordem contextual (a expressão de L2) que se manifesta na fala de L1.

**c.modos: digressão retórica** (anteriormente denominada digressão baseada em seqüência inserida) estabelece um vínculo de pertinência textual, ou seja, contribui para a textura da produção lingüística e divide-se em:

**i- digressão retórica didática:** caracteriza-se por ser uma seqüência que modifica uma outra seqüência par, do tipo pergunta-resposta. Esse tipo é bastante comum e demonstra um aspecto interacional importante, visto que parece servir a uma variedade de atos de fala: corretivo, informativo, clarificador, entre outros.

O falante pode estabelecer um vínculo de pertinência textual, ou seja, contribuir para a textura da produção lingüística, instaurando no contexto situacional elementos relevantes ao contexto cultural, biográfico individual ou de conhecimento de mundo. Neste caso, tem-se uma *digressão retórica didática* como se pode observar no trecho a seguir:

(28)

L1 você acha que... desenvolvimento é BOM ou ruim?

L2 *desenvolvimento em que sentido?*

L1 *crescimento... o Brasil diz-se basicamente*

subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo...

se desenvolvendo... parece que está saindo de uma

condição de subdesenvolvido para chegar sei lá numa

de desenvolvido... okay?... uma:: um caminho

L2 *ahn ahn*

L1 *agora PE::gue... os indivíduos... desse país... é melhor*

ou é pior para eles isso?

L2 não sei porque acho que aí quando se fala em

desenvolvimento geralmente está se falando num plano né? ((...))

(NURC-SP, D2 343: 497-509, p. 29-30)

L2 pede uma informação sobre o sentido do termo “desenvolvimento” (ato de fala clarificador), pois é provável que não o tenha compreendido totalmente, evidenciando que o contexto de conhecimento de mundo não é plenamente partilhado pelos dois participantes. Para poder sanar a dúvida da interlocutora e garantir a inteligibilidade do discurso, L1 relaciona o termo que causou toda a dificuldade a outro (“crescimento”); a seguir, para deixar mais evidente ainda o significado pretendido, faz uso de um exemplo (“agora PE::gue... os indivíduos...desse país... é melhor ou pior para eles isso?”). Tem-se, então, uma *digressão retórica didática*, já que não há a introdução de um novo tópico, mas uma mudança em relação ao foco. Passa-se de um ponto de concentração a outro, isto é, há um deslocamento do domínio de relevância tópica para uma relevância de ordem metaconversacional ou metalingüística. A resposta de L1 à pergunta feita por L2 se dá por meio de construções parafrásticas com o intuito de expandir a noção de “desenvolvimento”: ação ou ato de sair da condição de subdesenvolvimento. Após a digressão, L2 tem condições de responder à questão proposta e faz uso da repetição do termo “desenvolvimento” para voltar ao tópico prévio.

**ii- digressão retórica persuasiva:** revela uma certa manipulação da pergunta, orientando-a de alguma maneira. Um exemplo característico desse tipo de digressão se instaura quando o interlocutor cria uma paráfrase da pergunta com a finalidade de direcioná-la para certo objetivo, como se verifica em debates ou entrevistas.

Um dos locutores pode fazer uma pergunta, não para solicitar qualquer esclarecimento, mas para manipular seu interlocutor, orientando seus argumentos de alguma maneira. Um exemplo característico desse tipo de digressão se instaura quando o locutor cria uma paráfrase da pergunta com a finalidade de direcioná-la para certo objetivo, estabelecendo uma *digressão retórica persuasiva*, como se verifica nos exemplos a seguir:

- (29)
- L4 o papel do governante aí no caso... governador... o senhor desculpe... é criar uma estrutura que fique a salvo dessa politização maluca aí... que volta e meia vota...  
[
- L2 [ ] perfeitamente...  
[
- L4 não é ( )... ué ... isso  
[
- L2 e você acha que isso que tá acontecendo impede tal ou qual pessoa de ser eleita?  
L4 de ser eleita não... de tomar... de... de politizar do jeito que foi feito... se se estabelece as regras definitivas que impeçam...  
[
- L2 *quais definitivas? que alguém quando chegar no governo aja em relação às suas escolhas da mesma maneira que eu?*  
[
- L4 não...  
[
- L2 *que tipo de regra eu posso impor à empresa de tal maneira a que... quem quer que seja como acionista majoritário... não vá dispor sobre isso segundo a sua vocação...*  
L4 tem maneiras legais de estabelecer conselhos que evitem esse poder  
[
- L2 sim mas os conselhos estão aí... os conselhos existem...  
[
- L4 mas num ( )...  
[
- L2 os conselhos existem...  
(Programa Entrevista Coletiva – Mário Covas, p. 125)

No exemplo dado, os locutores desenvolvem o tópico “Papel do governante”, entretanto L2 (o então governador Mário Covas) não aceita as observações do jornalista e passa a questioná-lo, fazendo uso de perguntas manipulatórias que provocam pausas no fluxo informacional e visam a preparar o interlocutor para aceitar as objeções que fará em relação ao tópico em andamento.

Para a construção do significado comunicativo de interações verbais contendo digressões, torna-se fundamental a observação do contexto situacional e da verificação de que elementos dos demais contextos (cultural, biográfico individual, conhecimento de mundo) afloram, determinando a configuração contextual e as condições pragmáticas vigentes durante a interação.

Assim, o contexto manifesta-se através de uma forma de relevância (central, marginal, motivacional ou metalingüística) que envolve a atividade conversacional quer como presença, quer como saber dos interlocutores.

As análises feitas permitem afirmar que, de acordo com os objetivos, os interlocutores organizam suas ações de modo a alcançar os fins a que se propuseram no início da interação e que as digressões se instauram como estratégias discursivas na organização do texto oral. Em outras palavras, a digressão instaura na significação tópica elementos que pertencem ao espaço discursivo em que se tornam emergentes devido à percepção de um dos interlocutores, evidenciando que o quadro discursivo se compõe de elementos centrais e marginais passíveis de se tornarem focais devido a uma escolha realizada durante a atividade interacional.

Sendo o texto conversacional fruto de uma atividade de co-produção discursiva, o tópico precisa ser visto como algo dinâmico e resultante de deslocamentos operados pelos interactantes, de domínios de relevância “centrais” para relevâncias “marginais”, provocados pela introdução de novos domínios mencionáveis na interação, a partir de outros já existentes, ou de associações, ou ainda de implicaturas. O interesse dos participantes para que a atividade flua é, muitas vezes, responsável pela ocorrência de trechos digressivos, mas que devem ser encarados como estratégias discursivas empregadas por um dos interlocutores, na medida em que este relaciona e aciona o campo, o teor ou o modo do discurso, com o intuito de garantir não só a continuidade do desenvolvimento do tópico mas também a construção de sua coerência.

### 3.2 A digressão no texto escrito

Na construção de um texto escrito, a digressão seria uma fuga - ainda que momentânea - da meta original para uma aparente incursão através dos prováveis anseios do leitor. Segundo Moisés (1978, p. 152), a digressão pode apresentar qualquer tamanho e ser inserida em qualquer parte do texto e em obras de toda natureza. Acrescenta ainda que ela constitui “expediente difícil de manejar, uma vez que pode comprometer a integridade da obra em que se inscreve”; entretanto, ainda não se fez um estudo pormenorizado desse assunto.

Em reportagens publicadas em revistas semanais, por exemplo, as digressões são normalmente destacadas sob a forma de quadros com comentários ou informações paralelas a que se remete no corpo do texto. Atualmente, a linguagem jornalística busca estruturar o seu discurso a partir do estabelecimento de articulações entre os elementos que compõem um texto, deixando para o leitor a tarefa de fazer as devidas associações entre a imagem (fotos, desenhos, gráficos), os quadros em destaque por meio de cor (textos paralelos ou digressivos) e o texto base. As conseqüências dessa atitude são fundamentais, pois apontam a orientação argumentativa como um fator essencial de coesão e coerência textuais, visando à compreensão, à expressividade e, por que não dizer, à persuasão.

Na revista *Veja*, edição de 22 de março de 2006, há uma reportagem (que se estende da página 52 a 59) sobre o governador de São Paulo Geraldo Alckmin, onde se lê a seguinte manchete:

(30)

“**A APOSTA TUCANA:** Candidato do PSDB contra Lula, Geraldo Alckmin terá como principal trunfo de campanha os números de sua gestão em São Paulo”

Além dos textos escritos, há fotos, quadros com a agenda do candidato Alckmin, estatísticas e pesquisas feitas sobre o governo de São Paulo, previsões econômicas, etc., que podem ser analisados como digressões, na medida em que estão relacionados ao tópico discursivo “candidatura de Alckmin pelo PSDB à presidência da república”, e são textos coloridos que seguem paralelamente o texto básico, que vem na cor branca. Embora marginais, esses textos servem para compor a imagem do candidato tucano e, dentre eles, destacamos os seguintes:

(31) Texto 1 (p.54)

**“O QUE PENSA O TUCANO**

De religião a política externa, algumas das opiniões do candidato Alckmin, conforme relatadas a VEJA”. Ao lado do texto que tem o fundo bege, há uma caricatura de Geraldo Alckmin

(32) Texto 2 (p.56-67)

O calendário de Alckmin

Mais de 20 pontos percentuais atrás de Lula, o tucano explica como vai virar o jogo em agosto

(33) Texto 3 (p.58)

**A CHANCE DA ARRANCADA.** Este texto aparece com o fundo cinza e trata da questão econômica. Revela que, embora o país passe por uma crise política desde 2005, sua economia se mantém estável graças a toda a sociedade brasileira e aponta como essas questões serão tratadas na campanha presidencial.

Sendo a estratégia de uso de digressões uma forma de argumentação, o aspecto comum entre os textos indicados está em buscar, na interação com o enunciatário, criar um jogo em que a informação deve ser recebida, mas visando à formação de opiniões e mudança de atitudes.

### 3.2.1 A digressão em entrevistas escritas

Ainda que conserve sua forma dialogada, a entrevista escrita perde muito das características da língua falada: repetições, correções, paráfrases, hesitações são eliminadas pelo editor; o texto é reescrito e as relações interacionais são modificadas. Entretanto, o encaminhamento do tópico discursivo que é estabelecido pelo entrevistador, pode ser desenvolvido ou alterado pelo entrevistado e isso não parece ser modificado na edição final do texto, como se pode verificar em:

(34)

*Veja:* O senhor acha que o PT, ao converter-se às regras da economia de mercado, se transformou na sua essência de “mau” em “bom”

FHC: Essa conversão foi mais de circunstância do que de fundo. Eles jamais propuseram nada disso – pelo contrário. O que é um erro, claro. *Outro dia eu estava lendo uma entrevista que dei à revista Playboy em 1984, muito antes de ser eleito presidente da República – uma entrevista, aliás, que me deu muita dor de cabeça. Nela, eu já falava que para ser de esquerda não é preciso ser tolo.* Com isso, eu queria dizer que havia muitas coisas, no ideário da esquerda, que eram anacrônicas. E que você não precisava manter pontos de vista anacrônicos só para ser fiel – fiel a quê, ao anacronismo? Você, na verdade, precisa ser fiel à essência de seus valores

(Entrevista de FHC a Mario Sabino, publicada na Revista *Veja*, 22 de março de 2006, p. 98-106)

Nesse segmento, verifica-se que o entrevistado Fernando Henrique Cardoso responde diretamente ao tópico discursivo indicado na pergunta (conversão do PT) e, a seguir, faz uso de uma digressão (lógico-experiencial, como já se discutiu anteriormente) ao tratar de uma entrevista

que havia dado a outra revista para revelar a sua opinião sobre a esquerda (“eu falava que para ser de esquerda não é preciso ser tolo”), evidenciando um tópico marginal ao tópico proposto pelo entrevistador. Cabe apontar ainda que em sua resposta FHC faz ainda uma segunda digressão dentro desse segmento quando comenta: “uma entrevista que, aliás, me deu muito trabalho”, cujo operador discursivo *aliás* serve para marcar esse caráter de algo que se acrescenta ao que estava sendo dito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitem confirmar que o par dialógico (P-R) se configura como elemento imprescindível na organização textual-discursiva, prestando-se a consolidar ou a modificar as relações entre os interlocutores, imprimindo um caráter vivo ao evento discursivo.

Constitui-se em estratégia que acumula efeitos, pois os interlocutores podem, por exemplo, formular um pedido de informação, confirmação ou esclarecimento, mas, ao mesmo tempo, servirem-se de perguntas para mudar, redirecionar o tópico, instaurar uma digressão (manifestando na materialidade lingüística o tipo de relevâncias acionado na situação enunciativa), além de expor a face do outro participante. Vai, portanto, muito além do simples papel de obter informações.

Entendemos que haja muito a ser observado e discutido quanto à formulação das Ps em situações específicas, das Rs e, assim como em relação às considerações que se apresentam anteriormente ou posteriormente às Ps e às Rs. As ocorrências analisadas permitiram observar o funcionamento do discurso e do desenvolvimento tópico num recorte que privilegiou a organização das Ps de solicitação e de reclamação, em estruturas passíveis de ocorrer em nossa sociedade, de acordo com a posição social, com o grau de distanciamento entre os interlocutores e com o contexto e que revelam o grau de polidez entre os interlocutores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (2001). *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas/FAPESP.
- AQUINO, Z. G. O. de (1991) *A mudança de tópico no discurso oral dialogado*. Dissertação de mestrado, PUC/SP.
- DASCAL, M.; KATRIEL, T. (1979) Digression a study in conversational coherence. In: Petofi, J. S. (ed.) *Text vs. sentence*, Hamburg, Buske, vol. 29, p. 76-95.
- FÁVERO, L. L. (1993). O tópico discursivo. In: Preti, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, p. 33-54.
- \_\_\_\_\_. (2000). A entrevista na fala e na escrita. In: Preti, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, p. 79-97.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. (1996). Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: Castilho, Ataliba T. de e Basílio, Margarida (Orgs.) *Gramática do Português Falado – Volume IV Estudos Descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp/ FAPESP, p. 473-508

## FÁVERO, ANDRADE, AQUINO – A movimentação tópica...

---

- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. (1998) Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: Preti, Dino (Org.) *Estudos de língua falada – variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, p. 153-177.
- FÁVERO, L. L.; AQUINO, Z. G. O. (1998). As perguntas na organização das entrevistas. *Revista da ANPOLL*, no. 4, São Paulo: Humanitas, p. 121-136.
- GAULMYN, M.-M. (1991). La question dans tous ces états. In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. (Org.) *La question*. Lyon: Presses Universitaire.de Lyon 295-322.
- HALLIDAY, M. A. K. (1989) Part A. In: Halliday, Michael. A. K. e Hasan, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford: Oxford Universit Press.
- HASAN, R. (1989) Part B. In: Halliday, Michael. A. K. e Hasan, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford: Oxford Universit Press.
- HOEY, M. (2004) *Textual interaction* An introduction to written discourse analysis. London: Routledge.
- IBAÑEZ, R. (1998) El contexto del evento verbal. In: *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL* (agosto de 1990) - vol. IV Comunicações. Campinas: IEL – UNICAMP, p. 353-365.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990). *Les intérations verbales*. Paris: Armand Collin.
- MOISÉS, M. (1978) *Dicionário de termos literários*. 2.ed., São Paulo: Cultrix.
- STENSTRÖM, A.-B. (1984) *Questions and responses in English conversation*. Sweden: Liber Förlag.

### FONTES

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1998). *Digressão e configuração contextual: a manifestação da relevância-Relatório para estágio probatório – Corpus*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CALLOU, D. (Org.) (1991) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: Elocuções formais*. Rio de Janeiro: UFRJ/FUJB.v.1.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Org.) (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP, vol. II.
- PRETI, D.; URBANO, H. (Org.) (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre informante e documentador*. São Paulo:T.A.Queiroz /FAPESP, vol. III.
- Revista *Cláudia*. São Paulo: Editora Abril, novembro de 1999.
- Revista *Nossa História*. São Paulo: Editora Vera Cruz, agosto de 2005.
- Revista *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 13 de outubro de 1999.
- Revista *Veja*. São Paulo: Editora Abril, 22 de março de 2006.